



ASPP/PSP

Associação Sindical
dos Profissionais
da Polícia

Exmos. Senhores Dirigentes da ASPP/PSP
Exmos. Senhores Delegados da ASPP/PSP
Exmos. Senhores Advogados, Funcionários, Colaboradores e Parceiros da ASPP/PSP
Caros Associados, Colegas demais Convidados

Amigos,

Começo por referir a nota deixada pela ASPP/PM, que por razões de agenda não pôde marcar presença, mas demonstrou toda a solidariedade para com a ASPP/PSP, para com a luta da ASPP/PSP e pela data que aqui se comemora.

Também a comunicação enviada pelo Dr. Bernardo Colaço (Juiz Conselheiro Jubilado), deixando as seguintes palavras;

Agradeço a solicitação que me é feita para assistir às Comemorações do 33º Aniversário de "Secos e Molhados" no dia 21 de Abril.

Porém, fatores da minha vida pessoal não me permitirão estar presente nas mesmas.

Faço votos para que a efeméride decorra com o merecido êxito. "Secos e Molhados" enquanto acontecimento que decisiva e marcadamente contribuiu para a dignificação dos profissionais da Polícia em Portugal, constitui hoje um patrimônio inalienável de cada agente da polícia - assim foi no passado, é no presente e será no futuro.

Respeitosos cumprimentos,
Bernardo Colaço

.....



ASPP/PSP

Associação Sindical
dos Profissionais
da Polícia

Discurso do Presidente da ASPP/PSP nas Comemorações dos "Secos e Molhados"

21Abr2022

Hotel Ramada Lisbon

"A luta em 2022..."

"1989, o antes e o depois..."

Não podemos olhar para a luta dos Polícias em 2022, descurando o passado nem descurando o contexto da realidade atual.

Celebrar o episódio dos Secos e Molhados é celebrar a capacidade crítica, a capacidade de organização, a postura cívica, o combate à apatia, o exercício de cidadania dos polícias.

É recordar a luta pela busca da liberdade, pela busca da democracia no seio da PSP.

Antes, e em 1989, o estado de espírito dos Polícias era baixo, negativo, escuro, pesado, pois percebiam que o ar que o país respirava, não era o mesmo ar que os profissionais da PSP respiravam, isto porque, o poder político e os responsáveis da Instituição tardavam em perceber a necessidade de mudança, a necessidade de instituir a liberdade, a democracia e a consagração dos direitos a que se assistia no resto da sociedade.

Já muito se escreveu sobre o episódio dos Secos e Molhados, já muitos testemunhos foram prestados, no entanto, há ainda alguma resistência em assumir a relevância deste episódio, há muita resistência em perceber aquilo que significou, resistência essa, mais que evidente perante alguns comportamentos a que se assiste por ação política ou diretiva, ou então pela resignação e apatia que também se assiste da parte de muitos que optam por ignorar a importância deste episódio, que é o mesmo que dizer, ignorar a luta pela conquista dos direitos que hoje usufruem. Mas importa forçar esta lembrança, em respeito por aqueles que deram tudo para que a PSP pudesse também viver em democracia e em liberdade.



ASPP/PSP

Associação Sindical
dos Profissionais
da Polícia

A postura arrogante de alguns políticos de 1989, a postura prepotente de alguma hierarquia de 1989, o clima do medo, os desequilíbrios ao nível da conceção hierárquica, a visão retrógrada, num clima social já progressista na sociedade em geral, nunca ajudaram na alavancagem tão necessária para as transformações que se impunham.

"O Crachá"

Os polícias do pré 1989 sentiam esse clima, percebiam a liberdade que os seus concidadãos respiravam, e o movimento associativo ainda se organizava de forma pouco assumida, sob o anonimato e pelas vias possíveis, e ainda assim, pensaram colocar as suas reivindicações, a sua informação, as suas intervenções e ações numa revista, por forma a melhorar a sua implantação, daí a origem da revista "O Crachá".

Algo que hoje também celebramos, os 40 anos da idealização da revista "O Crachá".

Este passo que tardou a efetivar, foi, no entanto, demonstrativo da dinâmica que a luta dos polícias tinha, em busca pela sua liberdade, pela democracia na Polícia de Segurança Pública, por direitos que se impunham como necessário defender e reivindicar.

"A ASPP/PSP e a luta na atualidade"

Uma das formas de respeitar e celebrar 1989 e o famigerado episódio dos Secos e Molhados, volvidos todos estes anos, é garantir no presente, e projetar para o futuro, a continuidade da luta por algo que também em 1989 se pretendia alcançar.

Mas uma luta que dignifique os polícias, que seja uma luta que respeite os valores que sempre acompanharam a ASPP/PSP, mesmo com muita dificuldade, dado que ao presente tudo é estranho e um futuro que se aproxima com muitas incógnitas.

A intervenção sindical, a realidade da PSP, as atuações policiais, as exigências do serviço, os constrangimentos, os bloqueios, a ação política sofreram e sofrem também o impacto das mudanças sociais.

A PSP faz parte da sociedade.



ASPP PSP

Associação Sindical
dos Profissionais
da Polícia

E a sociedade mudou, e quanto mudou... e como mudou...

O sistema de valores encontra-se complexo, a solidariedade está esbatida, o coletivo está ocupado por um conjunto de visões individualistas, a competição substituiu a competência, o trabalho é uma componente quase de garantia da subsistência humana, a liderança ou não existe ou muitas vezes assenta na arrogância e na prepotência, todos vivemos à pressa, mas ninguém sabe para onde ir, tudo é imediato e mediático, nada se discute, apenas a futilidade e superficialidade imperam, tudo é contabilístico, um ser humano é um número, um auto não exerce o seu propósito, mas sim traduz dinheiro em caixa, a pedagogia é mera retórica, as campanhas de comunicação quantas vezes são doseadas com demagogia "qb", a comunicação social vive momentos de competição e isso altera o propósito da informação, o sistema judicial tem os seus problemas, a justiça social é aniquilada por concepções empreendedoras ou agendas que olham para o Estado como um qualquer "monstro", mas que todos o cobiçam quando os mercados não respondem às necessidades. Vive-se um clima da exposição do ridículo, é notícia o fútil, o horror, o crime, o enxovalho, a exposição de tudo o que há de mal e de mau na sociedade é uma constante.

A perda de valores é algo preocupante, agride-se porque sim, um qualquer evento desportivo mais parece a preparação operacional para responder a um ataque terrorista, a vida humana é relativizada...

Contabiliza-se ao dia os números de uma doença, filma-se ao minuto a guerra, injeta-se o clima do medo, do drama, parece querer-se esgotar o ânimo tão necessário para se prosseguir o caminho que se nos apresenta.

A PSP teve de acompanhar estas mudanças e adaptar-se a esta realidade, mas a questão que se coloca é perceber se conseguiu.

Como se adaptou? Ou deixou-se levar? Ou respondeu apenas à necessidade e sobreviveu?

A PSP também sofreu com alterações da sociedade em geral, pois faz parte dela, mas sofreu também alterações internas, pois a competição vs competência existe, o



ASPP PSP

Associação Sindical
dos Profissionais
da Polícia

individualismo vs pensamento coletivo existe, os valores como a solidariedade quantas vezes são secundarizados por uma visão carreirista e de lugares. A liderança é um equívoco.

Se antes os policias se movimentavam sob o anonimato, por razões obviamente perceptíveis e compreensíveis, hoje, em plena democracia e com a liberdade sindical suportada em Lei, há quem pretenda voltar ao anonimato na luta pelos direitos dos polícias. Qual a razão? Porque os polícias receiam assumir a luta pelos seus direitos? Porque se escondem na defesa da sua condição?

Se antes a luta era pela afirmação de um sindicato que representasse os polícias, ao presente, e após o culminar de tentativas várias para desacreditar o sindicato, por via da proliferação de várias estruturas, onde se inclui obviamente os abusos de alguns inconscientes e por consequência o descrédito, numa segunda fase, por via da secundarização do sindicato, do seu papel, das suas propostas, do seu trabalho, isto por parte dos sucessivos governos e DNPS, eis que se empurram os policias para uma perceção de desvalorização dos seus legítimos representantes, com efeito no impulso de movimentos inorgânicos ou grupos isolados de polícias que pretendem substituir o espaço do sindicato, recorrendo às legítimas contestações e à saturação que os policias apresentam.

A Polícia de Segurança Pública na atualidade apresenta um conjunto de problemas que se impõe como urgente resolver, sob pena de dentro de poucos anos assistir-se a situações ainda mais graves do que as que já se constata.

A Instituição PSP não é atrativa, não é apelativa aos jovens, está envelhecida, vive o quotidiano, responde às necessidades, não projeta o futuro. Ninguém pensa a Polícia...

Os polícias estão novamente a perder as suas folgas, mas ao contrário de 1989, perdemas de forma dissimulada, não assumida, os polícias estão a trabalhar sozinhos nas esquadras, colocando em causa a sua segurança e a dos cidadãos, o interesse público e a necessidade de serviço servem sem qualquer fundamentação para barrar direitos, os



ASPP/PSP

Associação Sindical
dos Profissionais
da Polícia

orçamentos de estado e as interpretações da DNPSPP atropelam o direito à pré-aposentação, o serviço de apoio na doença está a destruir-se paulatinamente, o subsídio de risco é um insulto aos polícias, a higiene e saúde no trabalho tarda em vigorar, a privatização do serviço policial sobrecarrega os polícias e adiam a melhoria da remuneração, a justiça e disciplina é arbitrária, lembrando o passado, são muitos os problemas.

A ASPP/PSP possui um património de intervenção sindical inigualável, tem uma presença de intervenção na sociedade portuguesa bastante importante e tem sido um contributo para que os polícias não se deixem influenciar por opções radicais, as quais poderão ser totalmente desajustadas e contraproducentes.

Tem ainda demonstrado nos vários processos, uma abordagem bastante equilibrada, ponderada e elevada.

Esta forma de estar no sindicalismo policial não se coaduna com o tratamento que tem recebido da parte da DNPSPP, mas mais grave, na nossa opinião, é a forma como os polícias têm sido (des)tratados pela DNPSPP e é isso que nos obriga a agir.

Sabemos bem que a luta deve dirigir-se à tutela, pois é a tutela que possui a responsabilidade e legitimidade de gerir o país, a segurança interna e as Instituições.

E sabemos bem que os problemas elencados anteriormente são de responsabilidade política, mas não é menos verdade que os governos têm delegado um conjunto de matérias e competências na Direção Nacional da PSP o que a coloca num patamar de intervenção que muitas vezes mais parece um ajustar de contas pelo afastamento dos processos legislativos, tornando-se legislador nas fases de regulamentação e aplicação dos normativos. E quantas vezes isso provoca prejuízos nos polícias, por via de aplicação de trabalho complementar, por via de cortes de direitos, por via de desregulamentação dos horários de trabalho, por via de ausência de critérios nos concursos, na mobilidade, entre outros.



ASPP/PSP

Associação Sindical
dos Profissionais
da Polícia

Sabemos bem que a nossa ação não deve perder-se em atores ou intervenientes que não possuem essa legitimidade política, mas não podemos ignorar que são constantes os atropelos, colocando atualmente a Direção Nacional da PSP, ao nível da tutela de 1989.

É por esta razão que consideramos que a liderança da PSP não tem a capacidade de expor ao poder político os reais problemas, não tem a capacidade de motivar os seus profissionais, não está a responder aos seus anseios, está apenas a sobreviver, mas à custa do sacrifício, do esforço e do trabalho dos profissionais.

Não podemos enquanto sindicato responsável assistir e não agir, temos de exigir que o governo promova às alterações que permitam uma maior atratividade na PSP, um rejuvenescimento do seu efetivo, o respeito pelo regime de pré-aposentação, uma atualização das tabelas remuneratórias, uma compensação pelo risco que dignifique os profissionais, um sistema de apoio na doença robusto, condições de trabalho, higiene e saúde, equilíbrio nas promoções, regulamentação pelo trabalho suplementar.

E exigir à Direção Nacional que seja efetivamente capaz e competente na gestão de recursos humanos, que pressione o poder político, que não promova a mais atropelos nos direitos dos polícias, que conheça efetivamente o que se passa nos locais de trabalho, que não permita ter polícias isolados, que respeite efetivamente a Lei Sindical, que responsabilize quem tem de responsabilizar, que promova a motivação dos polícias e que envolva nos processos quem está de forma séria e responsável.

Continuaremos a nossa luta, tal como em 1989, pois os desígnios dessa data ainda não foram cumpridos...

Viva a ASPP/PSP